



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO HUMANIDADE
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS**

ALÍSSIA DE SOUZA BEZERRA

**LEITURA LITERÁRIA NA EJA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA COM O FOLHETO
AS PROEZAS DE JOÃO GRILO, DE JOÃO FERREIRA DE LIMA**

**GUARABIRA
2025**

**LEITURA LITERÁRIA NA EJA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA COM O
FOLHETO *AS PROEZAS DE JOÃO GRILO*, DE JOÃO FERREIRA DE LIMA**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado à Coordenação
do Curso Letras Português da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito para a obtenção do
título de licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Suely da
Costa

**GUARABIRA
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B574l Bezerra, Alissia de Souza.
Leitura literária na EJA: [manuscrito] : uma proposta didática com o folheto "As proezas de João Grilo", de João Ferreira de Lima / Alissia de Souza Bezerra. - 2025.
48 f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Maria Suely da Costa, Departamento de Letras - CH".

1. Literatura de cordel. 2. As proezas de João Grilo. 3. Formação do leitor. 4. Letramento. 5. EJA. I. Título

21. ed. CDD 372.412

Elaborada por Maria Suzana Diniz da Silva - CRB - 15/873BSC3

ALISSIA DE SOUZA BEZERRA

LEITURA LITERÁRIA NA EJA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA COM O FOLHETO
AS PROEZAS DE JOÃO GRILO, DE JOÃO FERREIRA DE LIMA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Letras Português da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciada em Letras

Aprovada em: 22/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **CLEITON DA SILVA DUARTE LIRA NASCIMENTO** (***.439.274-**), em 07/06/2025 20:19:40 com chave **e359700e43f511f08c4c1a1c3150b54b**.
- **Maria Suely da Costa** (***.867.554-**), em 07/06/2025 13:01:45 com chave **b607195443b811f0a69106adb0a3afce**.
- **Juarez Nogueira Lins** (***.072.074-**), em 07/06/2025 15:16:19 com chave **827b662c43cb11f0b5641a1c3150b54b**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 07/06/2025

Código de Autenticação: 26fb9d



LEITURA LITERÁRIA NA EJA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA COM O FOLHETO “AS PROEZAS DE JOÃO GRILLO”, DE JOÃO FERREIRA DE LIMA

Alíssia de Souza Bezerra¹

RESUMO

O presente estudo trata sobre a leitura literária do cordel *As proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima, em contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), na perspectiva do letramento literário. Em função disso, apresenta uma proposta didática de leitura do cordel em sala de aula, em uma Escola Pública de Gurinhém na Paraíba, com base no uso de dramatização do texto poético, tendo por foco a leitura por prazer. Como fundamentação teórica, destacam-se os estudos de Abreu (1999), Pinheiro (2007), Marinho e Pinheiro (2012), Cosson (2009, 2018), Koch e Elias (2008), Sampaio (2009), Freire (1987), entre outros. Este estudo tem como metodologia desenvolver uma proposta didática de leitura literária do folheto mencionado acima, dividido em três partes, com foco no letramento e dramatização. Considerando que o cordel é um texto rico em possibilidades de reflexões sociais e culturais, sua leitura tende a favorecer o desenvolvimento de competências interpretativas dos alunos, assim como aumentar a oportunidade de identificação deste público leitor com a cultura local.

Palavras-chave: literatura de cordel; *As proezas de João Grilo*; formação do leitor; letramento; EJA

REMUSEN

El presente artículo aborda la lectura literaria del cordel *Las proezas de João Grilo* de João Ferreira de Lima, en el contexto de la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), desde la perspectiva del letramiento literario. Por lo tanto, se presenta una propuesta didáctica de lectura del cordel en clase, con base en el uso de la dramatización del texto poético, centrada en la lectura por placer. En la fundamentación teórica se destacan los estudios de Abreu (1999); Pinheiro (2007); Marinho y Pinheiro (2012); Cosson (2009, 2018); Koch e Elias (2008); Sampaio (2009); Freire (1987). La metodología de este estudio consiste en desarrollar una propuesta didáctica de lectura literaria del folleto mencionado, dividida en tres partes, centrada en la lectoescritura y la dramatización. Considerándose que el cordel es un texto rico en posibilidades de reflexiones sociales y culturales, su lectura fomenta el desarrollo de competencias interpretativas de los alumnos, así como aumentar la oportunidad de identificación de este público lector con la cultura local.

Palabras clave: literatura en cordel; *Las proezas de João Grilo*; formación del lector; letramiento; EJA

¹ Graduanda em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: alissia21bezerra@gmail.com.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 LEITURA LITERÁRIA NO CONTEXTO DE ENSINO	9
2.1 LETRAMENTO LITERÁRIO E LEITURA ORAL DO POEMA.....	11
2.2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)	16
3 A LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA	19
3.1 O CORDEL AS <i>PROEZAS DE JOÃO GRILO</i> , DE JOÃO FERREIRA DE LIMA. 23	
3.2 PROPOSTA DIDÁTICA: ENCENAÇÕES TEATRAIS PELA HISTÓRIA DE JOÃO GRILO	Erro! Indicador não definido. 0
CONSIDERAÇÕES FINAIS	334
REFERÊNCIAS	355
ANEXOS	39

1 INTRODUÇÃO

Desde sua origem, a literatura de cordel está ligada à divulgação de histórias tradicionais e narrativas das mais antigas e variadas épocas, que prevaleciam na memória popular e se transmitiam através da oralidade. Em vista disso “Se a memória popular vai conservando e transmitindo velhas narrativas e acontecimentos recentes, esta transmissão está sempre marcada pelo espírito desta sociedade” (Diégues Júnior, 1977, p. 17). Considerando isso, no contexto de ensino, a poesia de cordel pode desempenhar um papel importante no processo da formação do leitor do texto literário, não ficando apenas na sala de aula, mas explorando o universo além dela. De acordo com Pinheiro (2007, p. 27), “um poema não é só voz, não é apenas som. Ele também articula imagens visuais, olfativas, táteis as mais diversas”. Em função disso, este estudo apresenta uma proposta de leitura do cordel em sala de aula, na Escola Pública, em Gurinhém, na Paraíba, visando proporcionar um encontro com a literatura popular de forma prazerosa.

No decorrer dos anos, temos percebido que a leitura do texto literário, especificamente do cordel, tem tido uma menor ênfase, principalmente, em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ao perceber este cenário, o desejo de trabalhar o cordel em turmas de EJA surgiu a partir da observação no meu contexto de ensino, pois atuo como professora da Escola Serafina Ribeiro, no município de Gurinhém-PB, há 1(um) ano. Sou responsável por duas turmas de EJA, sendo uma do ciclo III e outra do ciclo IV, correspondentes ao sétimo, oitavo e nono anos. As turmas são compostas de alunos que tiveram que interromper seus estudos em uma determinada época da vida e passaram longo tempo afastado, e outros que são repetentes do ensino regular, com idade entre 15 e 17 anos.

Refletindo sobre esse cenário, propomos a leitura e análise do folheto *As proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima, observando características poéticas, estruturais e de temática, com fins a promoção de habilidades interpretativas dos participantes e aprendizagem sobre a literatura e a cultura brasileira. A metodologia deste será desenvolver uma proposta didática de leitura literária do folheto mencionado acima, dividido em três partes, com foco no letramento e dramatização.

Com efeito, a relevância desse exercício de leitura do cordel em sala de aula torna-se relevante pela possibilidade de desenvolver habilidades de leitura oral do texto poético, observando o jogo de palavras e imagens poéticas, enfatizando a importância dessas habilidades para os alunos da EJA. Assim também pela promoção da autonomia do aluno, da percepção da leitura por prazer.

Sabemos que a estrutura pela qual passa as escolas voltadas à EJA tende a ser limitada por diversos fatores, os quais de alguma forma interferem no fazer pedagógico, conforme discutiremos mais à frente neste trabalho. Desse modo, pensar uma metodologia voltada a esse público é contribuir para que algumas dessas dificuldades sejam amenizadas, no sentido de possibilitar, por meio da estética literária, a formação de leitores com percepção mais crítica e consciente de sua cultura e diversidade.

Este é um estudo orientado pelos princípios da pesquisa de natureza bibliográfica, que se define como “o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico o que necessita uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador (...) para apoiar o trabalho científico” (Sousa; Oliveira; Alves, 2021, p 03). Para tanto, seguimos o primeiro passo de qualquer pesquisa científica, pelo levantamento de material elaborado sobre o assunto estudado, seguido de uma reflexão da obra literária em questão voltada para seu trabalho em sala de aula. Se orienta também por uma proposta de estudo propositivo, uma vez que apresenta uma sugestão de proposta didática de leitura literária para a sala de aula.

Tem como fundamentação teórica os estudos de Solé (1998), Leite (1988), Koch e Elias (2008), Cosson (2018) e Cosson e Paulino (2009) que versam sobre a leitura literária e letramento no contexto de ensino; Freire (1987), Sampaio (2009), Santos (2006), Brasil (1996), Brasil(2017) refletem sobre o percurso histórico e desafios enfrentados pela EJA. Por fim, Abreu (1999), Sobrinho (1982), Pinheiro (2007) e Pinheiro e Marinho (2012) , Costa(2012), Conceição(2010), Zumthor (2007) na abordagem sobre o cordel.

Este trabalho se estrutura em 3 principais partes: a primeira, sendo esta introdução, em que discorreremos sobre o direcionamento do estudo; na segunda parte, tratamos sobre a leitura literária e letramento no contexto de ensino, na terceira parte discorreremos sobre a literatura em sala de aula, focalizando no cordel *As proezas de João Grilo* de João Ferreira de Lima, bem como, a proposta didática: encenações pela

história de João Grilo voltada para uma experiência de leitura numa turma de EJA. Por fim, seguem as considerações finais, referências e anexos.

2 LEITURA LITERÁRIA NO CONTEXTO DE ENSINO

A leitura, em seu conceito mais amplo, ultrapassa a mera decodificação de signos. Segundo os estudos de Solé (1998), “ler é um processo de interação entre o leitor e o texto, no qual o primeiro realiza um processamento ativo da informação.” (Solé, 1998, p. 22). Esse processo dialógico entre leitor e texto é mediado pelo contexto sociocultural em que o indivíduo está inserido, o que significa que a leitura não é um ato isolado, mas uma prática cultural carregada de intenções, expectativas e interpretações.

Percebemos que através da atividade de leitura, o aluno é capaz de desenvolver um lugar social através das vivências e valores de sua comunidade e conhecimentos textuais; De acordo com os estudos de (Koch e Elias, 2008) " A leitura e a produção de sentido são atividades orientadas por nossa bagagem sociocognitiva: conhecimentos da língua e das coisas do mundo (lugares sociais, crenças, valores e vivências.”

Sabendo que cada aluno possui sua particularidade para armazenar na memória os conhecimentos adquiridos através da atividade de leitura, o professor deve buscar uma forma de incentivo para que essas vivências em sala de aula, se torne uma prática constante para o desenvolvimento de cada aluno.

Nesse sentido, a leitura de textos literários também é uma prática que envolve produção de sentidos, gerando a interação entre o aluno, o texto e a sociedade. Segundo Carvalho (2015) a literatura traz uma perspectiva diferenciada no processo da leitura, pois apresenta a possibilidade de enxergar a pluralidade de sentidos do texto, muito embora não esteja contemplada de forma aprofundada no currículo do ensino de Língua Portuguesa.

Em vista disso, Leite (1988, p. 12), apresenta reflexões sobre o texto literário, observando que:

O texto literário [...] não só exprime a capacidade de criação e o espírito lúdico de todo ser humano, pois todos nós somos potencialmente contadores de histórias, mas também é a manifestação daquilo que é mais natural em nós: a comunicação. (Leite, 1988, p. 12)

Podemos observar que, para Leite (1988, p.12) o texto literário não só apresenta fatos, mas também traz a profundidade dos pensamentos que o homem constrói baseados em suas experiências de vida. Sendo assim, entende-se que a linguagem literária tem a capacidade de despertar em nosso interior as mais diversas experiências unidas à plurissignificação que o texto literário permite ter.

Para pensarmos mais sobre a leitura no contexto de ensino, nos pautamos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento esse que orienta sobre as habilidades e competências a serem desenvolvidas pelos alunos em determinadas etapas da Educação Básica, e em se tratando de língua portuguesa a BNCC retrata que a leitura “[...]compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor /ouvinte/espectador com os textos escritos ,orais e multissemióticos e de sua interpretação [...]” (Brasil, 2017, p. 71).

Podemos perceber que para a BNCC, a leitura é considerada como interdisciplinar, mas não é contemplado o componente curricular da literatura, nem no Ensino Fundamental, nem no Ensino médio, com isso o texto literário abordado da seguinte forma:

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. (Brasil, 2017, p. 73).

É visto que a BNCC destaca sobre a formação leitora e evidencia a leitura como um foco central das etapas do Ensino Fundamental e Médio. Mediante o que foi dito acima, a proposta do documento ressalta sobre o exercício da fruição, a estética de textos e obras literárias, realizando assim procedimentos de interação do leitor com o texto.

Quanto à experiência de leitura, o professor tem um papel primordial no ensino da leitura literária em sala de aula. Nesse contexto, é de extrema importância sua percepção e dedicação para o crescimento dos alunos, sabendo que ele não é só um mediador de conhecimento, mas também um ajudante no processo de construção dos sentidos, das vivências que interligam as múltiplas camadas de significados presentes nos textos literários. Para tanto, o professor precisa estar preparado para lidar com as

metodologias de ensinos, ter habilidades para acender o gosto pela leitura, criando assim um ambiente acolhedor que incentive a reflexão de cada aluno sobre sobre compreensão mais apurada da leitura (Zafalon;Carvalho, 2007)

Mediante esses conhecimentos, é possível perceber o quanto a leitura do texto literário em sala de aula é capaz de aguçar o interesse do aluno, visto que a curiosidade sobre a vida e obra de cada autor se torna um foco de aprendizado, gerando através da dedicação, conhecimento e acima de tudo paixão do professor pela leitura, uma disposição e empenho do estudante para seguir com o aprendizado. Segundo Carvalho (2015) é necessário que o professor detenha um conhecimento literário mais profundo para colocar as práticas de leitura com alegria, entendendo assim, que é uma paixão. Sobre isso, Guimarães e Batista (2012, p. 21) observam que

O texto literário é uma obra de natureza complexa, resultante de intenções, operações linguísticas e produção de sentidos que colocam em jogo o uso da linguagem além da referencialidade. A literatura implica reconhecer, entender e fruir elementos de natureza expressiva, conativa e poética que destacam o espaço da manifestação literária como aquele que exige do seu leitor muito mais participação do que aquela requerida em processos de interação verbal que destacam sobremaneira a função referencial da linguagem.

Diante disso, ao ensinar a leitura do texto literário o professor pode ser além de conhecedor, mas aquele que expressa paixão pela sua função, tornando assim o processo mais fluido e prazeroso de ambas as partes.

Em outras palavras, conclui-se que para que haja um ensino de leitura literária mais eficaz na formação do leitor, deve-se ir além de transpor conhecimentos literários, mas ser um processo de construção de significados entre o professor mediador e o aluno que é incentivado a se posicionar de uma forma crítica mediante ao texto, tornando assim, a literatura como uma ferramenta que tem o poder de trazer a apropriação intelectual e cultural, promovendo a formação de indivíduos autônomos e reflexivos.

2.1 LETRAMENTO LITERÁRIO E LEITURA ORAL DO POEMA

O termo letramento tem origem associada à alfabetização, embora seja uma palavra relativamente nova. De acordo com Soares (2006), por volta de 1980, este termo surge no vocabulário dos estudiosos das áreas da linguística e educação. Em

vista disso, Angela Kleiman (2004, p. 19) apresenta o letramento como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Nesse sentido, o letramento é visto como ações que ocorrem no nosso cotidiano e pode estar presente nas atividades, a exemplo de atividades religiosas, como ler a bíblia; no ambiente familiar, com a comunicação por meio de um bilhete; ou até mesmo em algum evento esportivo sendo, usado para interação dos sujeitos.

Desse modo, Santos e Yamakawa (2017) frisam que o letramento é uma extensão da alfabetização, pois se manifesta na medida em que o aluno alfabetizado consegue determinar relações, construções significativas e interações no ambiente que o cerca. Com isso, o aluno vai além das habilidades técnicas de leitura e escrita, utilizando de raciocínio e conhecimentos prévios de mundo, podendo assim explorar outros tipos de conhecimento.

Com efeito, existem vários tipos e graus de letramento, tais como letramento familiar, letramento religioso, letramento digital, entre outros (Mortatti, 2004). Segundo Mortatti (2004) o letramento familiar refere-se a utilização da leitura e escrita no meio familiar, como leitura de livros. O letramento religioso vai se deter ao uso da leitura e escrita em contextos religiosos como, compreensão e interpretação da bíblia, e também o letramento digital que corresponde ao uso das tecnologias digitais visando se comunicar e aprender a participar da vida social.

Dentre os tipos de letramento, Soares e Ferreira (2019) destacam que o letramento literário se evidencia na área da formação do leitor através da literatura, bem como também de seus clássicos. O letramento literário possui algumas concepções conceituais. Uma delas na maneira de alfabetizar através dos textos literários e outra é de alfabetizar literariamente para que possa utilizar a literatura de forma crítica e torná-la parte do cotidiano de leitura e vivência (Soares e Ferreira, 2019).

Ao discutir sobre o letramento literário, Cosson (2018) destaca que a literatura exprime inúmeras variações. Para ele,

O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. O conhecimento de como esse mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância. (Cosson 2018, p. 29)

Dessa maneira, é possível afirmar que a literatura possibilita uma experiência singular na formação humana, pois, por meio da literatura, entramos em contato com outros mundos, bem como com opiniões e visões diversas. Cada vez que o indivíduo lê o texto, há uma possibilidade de progressão em seu conhecimento, pois além de conhecer ambientes diferentes, também se insere na realidade que vive. Sendo assim, a literatura oferece uma experiência rica, e é papel da escola propagar esse conhecimento literário aos alunos (Soares; Ferreira, 2019).

Nesse sentido, a leitura é importante não somente para compreensão do texto lido, mas também para se compreender criticamente o que se lê. De acordo com Freire (2008, p. 42), “a leitura de mundo vem primeiro que a leitura da palavra, e que a leitura da palavra não pode existir sem a leitura de mundo.” Diante disso, a leitura e a escrita devem estar conectadas a temas importantes em referência da experiência de cada indivíduo.

Assim, torna-se necessário pensar a literatura como exercício da linguagem não somente corporizada na escrita, mas também na leitura oral enquanto exercício pleno das palavras. A prática da leitura literária tende a ser importante na exploração das habilidades da linguagem. De acordo com Cosson (2009), isso é possível porque a literatura é preenchida de saberes sobre o homem e sobre o mundo. Ainda conforme o autor,

o dilema que a literatura levada para sala de aula sofre é o perigo de se escolarizar a literatura e findar por descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (Cosson 2009, p. 22).

O autor destaca uma importante reflexão enquanto ao ensino da literatura, para que ela não seja reduzida apenas de forma institucional, ou seja, abordando obras complexas, sem contextualização, perdendo assim sua essência maior: a humanização. Na medida em que a literatura é "escolarizada", pode se tornar algo vazio, superficial, que em vez de promover a conexão emocional e reflexiva, os alunos tendem a ver de forma mecânica e não como uma experiência transformadora.

Segundo os estudos de Barbosa (2021) partimos da ideia de que o texto literário é fonte de conhecimento, porém, sem correr o perigo de privilegiar a leitura ostensiva de textos teóricos em detrimento da leitura de texto literários, potencializando uma relação estética, por exemplo privilegiando a formação do leitor através da leitura oral

do poema. Em função disso, usamos estratégias de leitura, da leitura compartilhada em sala de aula, bem como da leitura dramática que podem colaborar com a inserção da poesia na sala de aula, priorizando a interação do texto e o leitor.

Para que esse contato se efetive, Cosson e Paulino (2009) sugerem que a escola e o professor ofereçam tempos, espaços e oportunidades desse contato, por meio de grupos de estudo, clubes de leitura e outras formas de compartilhar leituras. É importante que o aluno reconheça os mais variados textos literários, de modo que se mostra relevante explorar manifestações artísticas de comunicação de massa, e da tradição oral.

A literatura de cordel possui um caráter fortemente oral tanto na composição quanto na transmissão (Abreu, 1999). São comuns as apresentações orais de narrativas, poemas, charadas e disputas. Historicamente, os cantadores em geral se agrupavam nas casas-grandes ou em residências urbanas organizando festejos para participarem de desafios (denominados *peleja*), ou cantarem versos próprios ou alheios. No decorrer do tempo, surgiram outras modalidades orais além das pelejas como o coco que, segundo Sobrinho (1982, p.15), “são cantados por participantes em salões e terreiros ao som de zabumbas e ganzás. Nessa função cabe aos tiradores cantar a parte improvisada e os ajudantes cantam os estribilhos”.

De acordo com Abreu (1999), o folheto impresso demorou a surgir porque esses poetas escreviam suas composições em tiras de papel ou em cadernos, mas não tinham a intenção de publicá-los como folhetos. No entanto, por volta de 1930, a publicação de folhetos passou a ganhar grande importância. Muitos desses poetas depois que conseguiram editar e vender seus folhetos passaram a se dedicar mais à produção de seus versos e assim se originaram os cordéis que hoje temos acesso nos mais variados temas.

Em relação às modalidades orais da poesia popular, explorando os mais diversos temas que são retratados nos folhetos, o cordel deve ser uma das opções de leitura na sala de aula. Para esse propósito, é necessário observar que, do mesmo modo que os cordéis nasceram na oralidade, estes precisam também ter uma representação oral adequada. Reduzir o folheto à leitura silenciosa é contribuir para a limitação do seu poder de comunicação e enfraquecer sua recepção. (Lima; Gonçalves, 2016)

É necessário dar a voz ao folheto de cordel em sala de aula. Sobre esse princípio de leitura, Pinheiro (2007, p. 39) observa:

Nossa perspectiva busca enfatizar o folheto como literatura – e não meramente como informação, jornalismo e outras abordagens de caráter pragmático. Qualquer que seja a escolha, um aspecto precisa ser reforçado: o folheto é para ser lido. Ele pede voz. A sala de aula no parece bastante adequada para vivência da leitura de folhetos, uma vez que poderá ser transformada num lugar de experimentação de diferentes modos de realização oral.

Assim, considerando a língua como prática social e atividade interativa, entendemos que a escola pode usar a literatura de cordel em suas diferentes modalidades de ensino, a exemplo da EJA, desenvolvendo práticas didático-pedagógicas para ampliar conhecimentos relativos às linguagens, à interdisciplinaridade, possibilitando ao ensino uma aprendizagem social através de práticas dialógicas. A inclusão de experiências de leitura de poéticas orais é um dos caminhos, uma vez que, conforme pontua Fares (2010, p. 265-266),

As poéticas orais fazem parte do universo cultural dos discentes, sobretudo os moradores da zona rural do Brasil, das zonas periféricas das grandes cidades, e os que (con)viveram nesses territórios ou com seus habitantes. Trazer esta realidade para o sistema de ensino, estabelecer relações de trocas simbólicas é um dos sentidos da educação. (Fares 2010, p. 265-266)

Considerando isso, os poemas de cordel não são escritos para a leitura silenciosa ou em voz baixa. Ao contrário disso, estes podem ser apresentados, declamados, cantados, ou em encenação teatral. A oralidade do cordel possibilita a dramatização, porque a sua estrutura é organizada para que o leitor ou intérprete em todos os sentidos. Entendemos, conforme Zumthor (2007, p. 18), que “toda literatura é fundamentalmente teatro”.

A oralidade poética possibilita motivar os alunos ao exercício da escuta sensível, permitindo externar uma série de conhecimentos intuitivos que não surgem ao nível da racionalidade, e que são importantes para que os leitores possam preencher os vazios do texto, fazendo as associações necessárias a sua compreensão. Dessa forma, a leitura oral é necessária ao trabalho com a poesia popular no contexto de formação de leitores do texto literário. A leitura se torna importante para aquisição de saberes, propiciando que os alunos criem seus próprios significados diante do texto literário.

2.2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

A Compreensão histórica sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) requer voltar no tempo e rever a relação criada pelo Estado e educação de classes populares. É necessário enxergar que por volta da década de 1930 a burguesia industrial foi primordial para o crescimento do país. Segundo os estudos de Sampaio (2009), houve uma necessidade de ampliação na rede escolar, e o governo se viu na obrigação de trazer esforços para que o analfabetismo adulto não continuasse em alto índice. Para tanto, o Estado não só investiu no campo industrial, como também priorizou a formação profissional das classes trabalhadoras, destacando a primeira iniciativa oficial a educação orientada pelo governo.

Na década de 1940, surgiram alguns incentivos políticos com a finalidade de ampliar a educação para jovens e adultos não alfabetizados. Essa iniciativa tinha como objetivo tornar a Educação de Jovens e Adultos uma necessidade e um possível interesse de todos os segmentos, tanto sociais como do governo. De acordo com Melo et al (2020), o período foi marcado por alguns acontecimentos nas políticas e na pedagogia, como o Fundo Nacional de Ensino primário (FNEP); a formação do do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP); a aparição das primeiras obras dedicadas ao ensino supletivo; a Campanha de Educação de Jovens e Adultos (CEAA), e entre outros. Todas essas iniciativas fizeram com que a educação de jovens e adultos se firmasse como uma questão nacional.

Nos anos de 1960, Paulo Freire emergiu como uma figura central na educação de jovens e adultos, propondo uma metodologia inovadora e crítica. Compreendendo a alfabetização não apenas como um processo técnico de leitura e escrita, ele defendia que o ato de educar deveria ser um processo de conscientização. Para Freire (1987) “ensinar não é transferir conhecimento e sim criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 1987 p. 71). Com isso, o ensino não pode ser resumido apenas no ato de repassar o conhecimento, mas sim levar a reflexão.

A campanha “Pé no Chão Também se Aprende a Ler”, realizada por Paulo Freire no Rio Grande do Norte, foi emblemática ao demonstrar que é possível alfabetizar em um curto período, desde que se considere o contexto social e cultural dos educandos. Em 1963, Freire e sua equipe conseguiram alfabetizar 300 pessoas

em 40 horas, utilizando palavras e temas significativos para a realidade dos trabalhadores. Este modelo serviu de inspiração para campanhas posteriores, tendo sua aplicação interrompida pelo golpe militar de 1964, que via na educação crítica de Freire uma ameaça (Paiva, 2003; Freire, 1987).

O golpe militar ocorrido no Brasil em 1964, trouxe ações dos movimentos sociais que foram substituídas por campanhas de alfabetização de cunho mais conservador, englobando propósitos assistencialistas nos procedimentos de distribuição de alimentos para os alunos. Novamente vimos o Estado assumir um papel de propor iniciativas, carregada por pressão econômicas e ideológicas relacionadas à ideia de que educação trata-se de um investimento no desenvolvimento do país (Sampaio, 2009).

O Movimento Brasileiro de Alfabetização, iniciou em 1968, e veio como mais uma tentativa do Estado brasileiro, primeiro em forma de campanha e depois com estrutura de fundação, buscando lidar com tensões sociais promovida pela negação histórica da educação para as classes populares, que seguia orientações da UNESCO. Os resultados, no entanto, não foram satisfatórios, visto que faltou a continuidade de estudos para os alfabetizados. Extinto em 1985, o MOBRAF foi substituído pela Fundação Educar, também extinta em 1990. (Sampaio, 2009)

Conforme Vasques et al (2019), após o regime militar, a EJA permaneceu encarando inúmeros desafios, especialmente devido à falta de continuidade em políticas públicas eficazes. Com efeito, a Constituição de 1988, trouxe novos horizontes ao estabelecer a educação como direito de todos e dever do Estado, ampliando a visão de educação para a vida cidadã.

No decorrer dos tempos, a EJA permeou novos caminhos, estabelecendo uma devida proximidade com o indivíduo, através das modificações curriculares. Esta modalidade trouxe à tona novas perspectivas para o ensino, visto de que se trata de um ensino que o aluno não cumpriu a etapa regular devido algum motivo, configurando uma nova roupagem do discente. Santos (2006, p. 29) aponta que

O aluno, a aluna do PROEJA não correspondem ao modelo moderno de aluno: estão fora da idade reconhecida como regular; evadiram ou nunca frequentaram escola; trabalham ou estão em busca de trabalho; há muitas mulheres, chefes de suas famílias; existem aqueles com outras orientações sexuais, há os mestiços, os negros; as orientações religiosas são bem definidas em muitos casos; [...]. (Santos, 2006, p. 29)

Fora de uma “realidade regular de estudos”, os discentes encontram na EJA o espaço para prosseguir e assim terminar os estudos que estavam com pendências. Diante do contexto social, para muitos o trabalho, os afazeres de casa estão em primeiro lugar, por isso os estudos vão ficando em segundo plano, assim em algum momento o alunado encontram meios que possibilitam a conciliação dos estudos e trabalhos, levando em consideração a importância de finalizar as etapas de estudos no ensino.

No cenário de hoje, a EJA continua sendo um espaço de desafios e potencialidade, enfrentando obstáculos estruturais. É preciso investimentos públicos para prosseguir ofertando vagas com maior qualidade, principalmente a populações de extrema carência, a qual buscam uma oportunidade de ingressar no mercado com uma competência equivalente ao que se é exigido.

Foi desempenhando uma construção pedagógica em turmas de Educação de Jovens e Adultos em minha cidade natal, Gurinhém/PB, que pude identificar a presença de turmas compostas por adultos que não deram prosseguimento ao ensino básico no tempo correto. No entanto, outra parcela considerável era formada por indivíduos jovens que não acompanharam o desenvolvimento no tempo esperado, por inúmeros fatores, principalmente a desigualdade social.

Diante do que foi discutido acima, compreendemos que o Ensino de Jovens e Adultos é uma modalidade essencial no Brasil, como mostra o histórico acima, precisa ser exergada como uma prioridade, para que de fato haja um ensino equitativo para jovens e adultos que buscam uma formação por melhores oportunidades de trabalho e qualidade de vida. Visualizamos também que os desafios ainda existem, mas que podem ser superados com uma educação que seja igualitária, com formação de professores e investimentos voltados para os alunos da EJA. Nesse contexto, é preciso dar espaço à literatura que representa um importante instrumento educacional de letramento para a transformação de realidades.

3 A LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA

A literatura de cordel se origina na tradição oral e na cultura popular. No final do século XIX e início do século XX, essa produção cultural já se manifestava fortemente no Nordeste do Brasil, mostrando as suas manifestações culturais de grande relevância. Segundo Melo (1982, p. 02),

No Nordeste, por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, de maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social contribuíram para isso; a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bando de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios, econômicos e sociais, as lutas de famílias deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumento do pensamento coletivo, nas manifestações da memória popular.

De acordo com Melo (1982, p. 02), o cordel exerce várias funções que remetem, inicialmente, ao campo, aos fins educativos, políticos e também publicitários em campanhas de tuberculose, por exemplo. Serviu como ferramenta de conscientização político-partidária, dentre outras atividades artesanais como estratégias entre poetas populares. Vale destacar também que esteve relacionado à função de auxiliar de alfabetização.

De acordo com Barroso (2012), a literatura de cordel teve início primeiramente na forma de cantigas trovadorescas, auxiliadas por instrumentos musicais. Os trovadores acompanhados por suas violas cantavam e espalhavam os versos para toda a população, as cantigas apresentavam aspectos culturais brasileiros em sua poética, adaptação que ficou conhecida como cordel. Barroso (2012) aborda ainda que o gênero ficou conhecido porque suas folhas eram expostas através de barbantes para serem comercializadas nos mercados ou nas feiras livres.

O cordel aparece como sinônimo de poesia popular em versos marcados sempre por rimas. As histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo, as famosas disputas entre cantadores fazem parte do conjunto de narrativas em verso conhecido por literatura de cordel (Marinho e Pinheiro 2012, p. 11).

Quanto à sua estrutura, os cordéis diferenciam-se um dos outros pela quantidade de estrofes. Os que possuem uma estrofe com quatro versos são chamados de quadra e os que contêm seis versos são denominados sextilha, ou redondilha maior. A estrofe formada por sete versos é chamada de septilha e as estrofes que possuem oito versos são chamadas de oitava. Os cordéis que contêm os três primeiros versos rimados, entre eles, (o quarto rimado com o oitavo e o quinto) e (o sexto apenas com o sétimo) são 17 denominados quadrão. A estrofe que tem dez versos é décima, e as estrofes que possuem versos de até dez sílabas são chamadas de martelo.

O cordel, tradicionalmente marcado por uma métrica e rimas, tende a despertar o interesse dos estudantes, especialmente daqueles que, muitas vezes, se encontram distantes dos textos literários canônicos. Pinheiro (2007) ressalta que a introdução do cordel na sala de aula não apenas valoriza a cultura local, mas também enriquece o processo de ensino, ao permitir que os alunos se reconheçam no texto.

Sobre o potencial da linguagem poética, Costa (2012) destaca que, “Utilizando-se do recurso da auto-reflexão, o poeta busca subtrair a linguagem do seu uso cotidiano, e nesse ato de subtração da linguagem ao lugar comum, instaura em sua poesia um ato reflexivo”. Assim sendo, no contexto de sala de aula, Literatura de Cordel facilita o aprendizado devido ao seu ritmo e da aproximação da poesia popular com os acontecimentos reais dia a dia e por ser de uma linguagem próxima do cotidiano do aluno.

Vale pontuar que o cordel permite ao leitor uma experiência humana, por meio do contexto apresentado, com isso, sua particularidade dá sentido a identificação com a obra, fazendo com que aflore o conhecimento de mundo do leitor. Conforme pontua Lajolo (2018, p. 55-56).

A literatura é porta para variados mundos que nascem das inúmeras leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um. (Lajolo 2018, p. 55-56)

Sendo assim, mediante o contato com as obras, criamos as possibilidades de experimentarmos as vivências existentes no contexto abordado, o que vai além da imaginação; o conceito de visão abre a possibilidade a fluidez da leitura e a identificação com o próprio contexto inserido, gerando reflexões humanas.

Dessa maneira, podemos entender que o cordel deve ter espaço na sala de aula, pelo desenvolvimento de habilidades textuais e formação do leitor literário engajado com sua realidade. Para tanto, é preciso que a escola e o professor se dediquem a trabalhar esse gênero literário, para além do registro escrito do folheto, levando em consideração uma abordagem lúdica, que explore as temáticas sociais e a musicalidade.

Como observa Pinheiro (2007), o cordel tem a capacidade de criar uma ponte entre o mundo escolar e a realidade do aluno, o que é essencial para a promoção de

uma leitura significativa. A relação entre o texto poético e o cotidiano do aluno é retratada por Pinheiro (2007, p. 101), que enfatiza que a poesia:

Trata-se de buscar uma prática que se define por oferecer textos que possibilitem uma convivência mais sensível com o outro, consigo mesmo, com os fatos do cotidiano, com a vida a vida e com a linguagem, enfim. Certamente este é um percurso de resistência.

Verificamos assim, que a poesia permite experiências valiosas entre o leitor e o mundo, como o dia a dia, a vida real e a linguagem, tudo isso pode ser interligado a partir da leitura e apropriação poética do texto literário.

Segundo Conceição (2010, p. 10) “A literatura de Cordel é, de acordo com a classificação bakhtiniana, um gênero do discurso secundário. O Cordel possui um forte potencial pedagógico, sobretudo, por conta de seus elementos temáticos”. Sendo assim, o cordel pode ser utilizado para estimular a expressão oral dos alunos, incentivando-os a declamar e a interpretar os versos de maneira lúdica e criativa.

Dessa forma, o cordel torna-se um instrumento valioso para a formação crítica dos estudantes, pois permite a leitura e a interpretação de temas relevantes para a realidade em que estão inseridos. Através de versos rimados, o cordel carrega valores e traços culturais de diferentes grupos sociais, considerando que

A linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente (na medida em que está engajada numa intencionalidade) e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. (Brandão, 1996, p. 11-12).

Considerando isso, ao ler esse tipo de literatura, não devemos nos deter apenas ao seu conteúdo, mas também à sua historicidade, na relação texto e contexto. Isso porque o texto literário de cordel é a expressão da realidade na qual o escritor orienta sua produção de acordo com uma época, nunca como algo isolado, mas envolvido de questões ideológicas, mostradas em seus versos traçados pelo imaginário, memória, cultura regional, mostrando o viés social como manifestação cultural.

Como observa Pinheiro (2007), o cordel é uma forma de arte acessível, tanto em termos de linguagem quanto de preço, o que o torna um veículo importante para a disseminação da cultura literária em comunidades menos favorecidas. Quando trazido para o ambiente escolar, o cordel ajuda a romper com a elitização da literatura,

ao mesmo tempo em que valoriza as tradições populares, oferecendo aos alunos a oportunidade de vivenciar e compreender uma forma de expressão cultural que está intimamente ligada à história do povo brasileiro.

Para que o cordel tenha um impacto positivo no ambiente escolar, Pinheiro (2007) também enfatiza que é fundamental que os professores adotem uma abordagem dialógica, na qual os alunos sejam incentivados a participar ativamente do processo de leitura e interpretação dos textos. Essa participação ativa é crucial para o desenvolvimento de uma leitura crítica e reflexiva, que vá além da simples decodificação de palavras e que permita aos alunos compreenderem o contexto e os significados mais profundos presentes nos versos do cordel.

Pinheiro (2007) destaca que a poesia do cordel, por seu caráter humorístico e irreverente, atrai os alunos e os motiva a participarem ativamente das atividades escolares. Esse engajamento é essencial para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem, pois alunos motivados tendem a se envolver mais profundamente com o conteúdo e a desenvolver um maior interesse pela leitura e pela produção textual.

Em suma, a literatura de cordel possui um enorme potencial pedagógico, especialmente no que diz respeito à formação de leitores críticos e à valorização da cultura popular. Como destacam os autores aqui referenciados, o cordel pode ser utilizado de diversas maneiras em sala de aula, desde a leitura e interpretação de textos até a produção de versos pelos próprios alunos. O cordel traz consigo a ludicidade, a oralidade e o estímulo à reflexão, que pode ser eficaz para a formação do leitor.

3.1 O CORDEL AS PROEZAS DE JOÃO GRILLO, DE JOÃO FERREIRA DE LIMA

Em 1948, João Ferreira de Lima relança o cordel intitulado como *Proezas de João Grilo*.¹² Neste estudo, usamos da edição *As Proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima (2003). Este é um dos folhetos de cordel mais emblemáticos, transmitindo uma narrativa lúdica onde a astúcia e a simplicidade do personagem João Grilo evidenciam uma sagacidade capaz de enfrentar as adversidades e figuras de

¹ Em 1932, tem-se “a publicação de. *Palhaçadas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima, na tipografia Athayde, no Recife” (Haurélio, 2010, p. 67). Este seria uma primeira versão de autoria deste autor de um texto a tratar das proezas do personagem João Grilo.

autoridade.

Estruturalmente, o cordel *As proezas de João Grilo* apresenta versos em redondilha maior, composto por 118 versos, que são divididos em 31 sextilhas com estrutura de rimas ABCBDB, e 87 septilhas com rimas ABCBDDDB. É narrado em terceira pessoa (“João Grilo foi um cristão / que nasceu antes do dia”), para tratar da vida desse personagem, habitante do imaginário popular, que se assemelha à de tantos sertanejos.

O cordelista João Ferreira de Lima nasceu em São José do Egito, localizado no Estado de Pernambuco, em 1902. Dentre suas obras, destaca-se o *Almanaque de Pernambuco*, lançado em 1936; entre 1936 e 1972 alcançou uma tiragem de mais de 70.000 exemplares. Ele escreveu cordéis em diversos temas, tendo sua obra mais conhecida *As Palhaçadas de João Grilo*, publicada em 1948, ampliada para 32 páginas, com o título de *Proezas de João Grilo*. As suas obras passaram por vários temas da poesia popular, destacando as *Discussões* de Antônio da Cruz com Cajarana, e *Pelejas* com João Athayde. João Ferreira de Lima faleceu em 1973.

O cordel *As proezas de João Grilo* retrata a história de um cristão chamado João que, “nasceu antes da hora / morreu depois do dia” (Lima, 2003, p. 1), e se destacava por ter uma enorme sabedoria, pois, ao ir para a escola, com sete anos de idade, chamava atenção por onde passava, principalmente a dos mestres, visto que era muito inteligente e interessado nas atividades da escola. O autor descreve João Grilo como “magro, pequeno e sambudo”, apresentando sua pobreza, mas dando ênfase a sua inteligência, e expressando sua esperteza e capacidade de sobressair das situações como um guerreiro.

Ao decorrer da narrativa poética, o personagem conta várias charadas que ele faz ao professor, e em todas, o professor falha nas respostas, levando à conclusão de que “o aluno dessa vez / ensinou ao professor”. Em outra façanha, João se disfarça de alma penada para roubar “uns ladrões de Meca / que roubavam no Egito” (Lima, p.14), garantindo que ele e sua mãe não passassem mais “precisão”.

Podemos verificar que, nas primeiras estrofes, este já é caracterizado como alguém “sem formosura, mas tinha sabedoria” e, na noite em que ele nasceu, teve algumas ocorrências fantásticas: “houve um eclipse na lua”, “detonou um vulcão” e “correu um lobisomen na rua”. Ressalta, ainda, que João Grilo “no sítio onde morava/ dava notícia de tudo” e que perdera o pai “com sete anos de idade” (Lima, 2003).

O personagem João Grilo é um símbolo que atravessa gerações divertindo e

ao mesmo tempo encantando os leitores. Este usa da sua esperteza e astúcia para realizar ações mirabolantes e até mesmo impossíveis de serem feitas. Com a sua esperteza ele consegue escapar até mesmo de um padre, no qual vive situações engraçadas com ele. É um personagem carismático e cativante, cuja principal característica é sua habilidade em enganar figuras de autoridade e escapar de situações difíceis. Ele simboliza a resistência e a capacidade de adaptação do povo nordestino sofrido, que, assim como ele, precisa de criatividade e perspicácia para sobreviver. Suas características – humildade, simplicidade e uma esperteza afiada – tornam-no um herói popular, embora distante dos estereótipos de força e coragem tradicionais. Ele é um anti-herói que conquista o leitor pela inteligência.

De acordo com Diégues Júnior (2012), é possível classificar os folhetos de heróis, como João Grilo, numa classificação de anti-herói. Um herói que usa de vários artifícios para combater os males lançados sobre ele na sociedade. Por fim, outro aspecto que pode ser enfatizado é o eixo temático das adivinhas anti-heróis, quase sempre são os conhecimentos populares que contrapõe com os conhecimentos científicos. João Grilo é um menino de origem simples, humilde, das minorias sociais que debate com grandes sábios cientistas, professores, padres, reis e sultões, em todas a personagem que transcende da origem comum e vulgar, se sobressai e demonstra grande conhecimento sobre aqueles considerados cultos.

A ludicidade presente em *Proezas de João Grilo* reflete a habilidade dos poetas de cordel em transformar realidades dolorosas em arte, engajando o público em uma reflexão sobre suas próprias vivências. A estética do cordel é marcada por um diálogo constante entre a tradição e a modernidade, onde as temáticas abordadas permanecem relevantes ao longo do tempo. O humor, em particular, desempenha um papel central na maneira como as narrativas são recebidas, permitindo que questões profundas sejam abordadas de maneira acessível e envolvente. Essa leveza não diminui a gravidade das críticas sociais, mas, ao contrário, as torna mais palatáveis e impactantes.

João Grilo ainda tem sua caracterização ao longo de todo cordel, desde “o diabo em figura de cristão”, “divertido”, “inteligente”, até àquele que, apesar de não aparentar tamanha capacidade, demonstrou ser destemido e vencedor. Como veremos:

Porém o Grilo criou-se
pequeno, magro e
sambudo as pernas

tortas e finas
a boca grande e
beijudo no sítio
aonde morava dava
notícia de tudo

(Lima, 2003, p. 01).

Cada peripécia é pensada como um desafio constante que o personagem principal precisa superar com inteligência. João Grilo é apresentado como um homem pobre, mas dotado de uma esperteza fora do comum. Ele usa de sua astúcia para escapar das armadilhas impostas pelos poderosos e para conseguir meios de sobrevivência. Ao longo do cordel, João Grilo é retratado como “o diabo em figura de cristão”, com uma personalidade “alegre”, “satisfeita”, “divertida”, possuindo a “paciência de Jó”, e, ao mesmo tempo, vingativo, afirmando que “vou vingar-me duma raiva”. Ele é descrito como “inteligente”, “único”, “famoso”, “franzino e forte”, com um “bom coração” e uma “figura tão eminente” que “fazia graça / que todo mundo sorria”.

Este cordel é composto por diferentes episódios, retratando desde a infância até a vida adulta. João é apresentado como filho de uma viúva pobre, demonstrando sua necessidade e insegurança diante da prece. Vejamos:

A mãe de Grilo disse
choro por
necessidade sou
uma pobre viúva
e tu de menor de
idade até da
escola saíste
João lhe disse ainda
existe mesmo Deus de
bondade

(Lima, 2003, p. 12).

Já no início da narrativa poética, João Grilo começa suas peripécias com um vaqueiro que vinha de fora, deixando a cidade admirada com a cena:

O rio estava a nado
Vinha um vaqueiro de
fora Perguntou: - Dará
passagem? João Grilo
disse: - Inda agora O
gadinho do meu pai
Passou com meu lombo de fora.

O Vaqueiro botou o
cavalo com uma

braça deu nado Foi
sair já embaixo
Quase que morre
afogado voltou e
disse ao menino você
é um desgraçado

João Grilo foi ver o
gado para provar
aquele ato vinha
trazendo na frente um
bom rebanho de
patos os patos
passaram na água
João provou que era exato

(Lima, 2003, p. 2).

Nessa parte, podemos observar a primeira proeza de João Grilo, no qual foi dizer a um vaqueiro que dava para passar com o seu cavalo no rio que estava cheio, afirmando que o gadinho de seu pai “passou com o lombo de fora”. O vaqueiro, “quase que morre afogado”, volta para xingá-lo. João consegue enganar o vaqueiro e usa a comicidade alegando que o “rebanho é de patos”, visto esse jogo de palavras, Grilo tenta driblar o vaqueiro utilizando das suas diversas formas de linguagens. De início, já revela a sua astúcia.

Através deste cordel, visualizamos a esperteza como algo inato ao protagonista, que o ajudou em travessuras durante a adolescência, em contrapartida, ele demonstra um amadurecimento ao decorrer dos acontecimentos. A esperteza é posta como a principal ferramenta de João, que se vale dela para driblar as dificuldades e sobreviver em um mundo injusto (Silva e Santos, 2020).

É possível destacar ao menos três encontros em que ele pratica suas proezas: o primeiro encontro foi com o vaqueiro, fazendo com que quase morresse afogado; o segundo foi com o padre, o qual João Grilo acabou ridicularizado dentro da igreja; e por fim, o terceiro foi na escola, em que ele usou da sua astúcia contra o professor, apresentando uma superioridade sobre ele.

Outro episódio de destaque se dá quando o rei Bartolomeu do Egito convida João para responder a doze perguntas, com a condição de que, se errasse, significaria sua condenação à morte. No entanto, João acerta todas as adivinhações e permanece na corte: “com regozijo e prazer / gozando um bom paladar / foi comer sem trabalhar / desta data até morrer” (Lima, 2003). Além disso, João Grilo consegue livrar um mendigo de ser preso por um duque irado e ensina a um sultão e seu reino sobre o valor da essência da pessoa além da aparência, ao ponto de “todo mundo dizia / que

sua sabedoria / era igual a Salomão” (Lima, 2003).

Um dos elementos lúdicos mais presentes em *As Proezas de João Grilo* são as charadas e trocadilhos usados por João para enganar os poderosos. Esses recursos conferem à narrativa uma leveza e um humor que a tornam atraente e acessível. As charadas não são apenas uma diversão, mas servem também como um artifício que João utiliza para confundir e ludibriar aqueles que tentam oprimir. Através dessas “pegadinhas”, João mostra como a linguagem pode ser uma ferramenta de poder e resistência.

As charadas servem como uma metáfora para a situação do próprio sertanejo, que, limitado em recursos materiais, depende de sua astúcia e criatividade para sobreviver. João Grilo personifica essa resistência ao se apropriar das palavras como um “armamento” simbólico contra os opressores. Ele transforma os discursos de poder, moldando-os de forma que trabalhem a seu favor. Com isso, o personagem não só questiona as normas estabelecidas, mas também subverte as estruturas que buscam colocá-lo em desvantagem.

Possuir a grande habilidade em criar charadas torna João Grilo capaz de igualar-se, em inteligência, àqueles que detêm o poder, desafiando o *status quo* e promovendo uma reflexão profunda sobre o papel da palavra no enfrentamento da opressão. Conforme trecho abaixo, ao indagar seu professor:

Um dia ele perguntou ao mestre
o que é que Deus não ver
o homem ver qualquer hora?
Disse o mestre pode ser
pois Deus ver tudo no
mundo em menos de
um segundo de tudo
pode pode saber

João Grilo disse qual
nada quedê os
elementos seus abra os
olhos mestre velho
que eu vou mostrar-lhe os
meus os seus estudos se
some
um homem ver outro
homem só Deus não
ver outro Deus

(Lima, 2003, p.9)

O aspecto do humor, associado às temáticas sociais, acaba por despertar a

atenção do leitor, pois além de riso, permite o acesso a outros conhecimentos. Conforme percebemos na estrofe a seguir:

E nasceu de sete meses
chorou no bucho da mãe
quando ela mostrou um
gato ele gritou não me
arranha não jogue neste
animal que talvez você
não ganhe
(Lima, 2003, p. 1).

O cordel também retrata algumas temáticas na sociedade, como o desejo de se erguer, ter soberania:

Eu estando
esfarrapado ia
comer na cozinha
mas como troquei de
roupa como junto da
rainha vejo nisto um
grande ultraje
homenageiam
meu traje
e não a pessoa minha

(Lima, 2003, p. 32)

Em suma, as charadas em *As Proezas de João Grilo* caracterizam tanto uma expressão da inteligência popular quanto uma arma sutil contra a opressão. Elas proporcionam ao personagem principal um mecanismo para navegar em um ambiente hostil e cheio de regras que tentam limitar suas possibilidades. Assim, estas além de conferirem ludicidade à obra, podem ser vistas como analogias para a prática educativa. O jogo entre João Grilo e as figuras de autoridade pode ser comparado à relação entre aluno e professor, onde o professor, com um papel de autoridade, desafia o aluno a pensar criticamente e a buscar soluções criativas. Assim, as charadas tornam-se um jogo de palavras que estimula o intelecto e a sagacidade do aluno, incentivando-o a questionar e a explorar respostas inusitadas, muito além daquilo que é óbvio ou literal.

Esse jogo de inteligência entre João Grilo e seus oponentes nos ensina sobre a importância da perspicácia, da dúvida e da flexibilidade de pensamento, características essenciais para o aprendizado significativo. Portanto, a literatura de cordel, com sua riqueza narrativa e ludicidade, oferece não apenas uma leitura

divertida, mas também uma valiosa lição sobre a criatividade, a resiliência e a importância do saber crítico no enfrentamento de situações complexas.

Através das artimanhas de João Grilo, o autor permite que o leitor vislumbre as nuances de uma cultura rica em simbolismos e significados, em que cada rima não é apenas uma forma de entretenimento, mas também um veículo de crítica e reflexão social. Podemos dizer que o cordel, é um "espaço de luta e afirmação cultural, onde o riso se torna uma arma contra a opressão" (Silva, 2017, p. 145).

Assim, conforme destaca Pereira (2019, p. 233), "o cordel se torna um espelho das lutas e alegrias do povo, celebrando a vida mesmo nas adversidades". O cordel se destaca pela construção leve e humorada, onde o uso de trocadilhos e situações aparentemente ingênuas acaba expondo críticas sociais e dilemas humanos. Com efeito, o humor e o jogo de palavras transformam a leitura em uma experiência divertida, e essa ludicidade permite uma conexão direta com o leitor, ao mesmo tempo que reflete as dificuldades e a resistência do povo nordestino.

Esse cordel é, portanto, uma celebração da astúcia e da sobrevivência, características fundamentais para a compreensão do próprio sertão e dos desafios enfrentados pelas pessoas que nele vivem. Em meio ao contexto de aridez e dificuldade, as proezas de João Grilo representam uma forma de resistência cultural e social, onde o humor serve tanto como alívio e quanto crítica.

3.2 PROPOSTA DIDÁTICA: ENCENAÇÕES TEATRAIS PELA HISTÓRIA DE JOÃO GRILO

Neste ponto tratamos de uma proposta didática de leitura do texto de cordel em contexto de ensino, neste caso, para alunos de EJA. A metodologia enfatiza a importância de integrar conhecimentos e habilidades de leitura exigida pela Educação para Jovens e Adultos, de modo que os alunos não apenas leiam, mas também compreendam e analisem criticamente o texto.

Considerando que o processo de formação leitora proficiente requer atividades e práticas, tornam-se importante que propostas didáticas visem desenvolver uma leitura prazerosa e eficiente. Neste caso, para a leitura do cordel, o professor é incentivado a explorar as características do cordel, usando elementos como rimas e métricas para engajar os alunos e facilitar a compreensão. Em função disso, a

avaliação do aprendizado deve ser contínua, permitindo que os alunos reflitam sobre suas experiências de leitura e desenvolvam autonomia como leitores. Isso é fundamental para que eles possam participar ativamente das interações sociais e compreender as diferentes manifestações discursivas poéticas.

Neste caso, as atividades foram planejadas para serem desenvolvidas dentro de um projeto de leitura, em que os alunos de EJA tenham a oportunidade de ter acesso ao cordel *As proezas de João Grilo*, com foco na leitura e na verificação da compreensão, promovendo uma interação mais rica com o texto, numa perspectiva de letramento. A experiência inclui uma leitura inicial para familiarizar os alunos com o gênero, seguida de atividades que incentivam a análise crítica e a apropriação das características do cordel. Isso é feito por meio de discussões, reflexões e práticas que envolvem a oralidade, uma vez que o cordel é tradicionalmente uma forma de expressão oral.

Dessa maneira, o interesse desta proposta de leitura está em contribuir para o sucesso pessoal e escolar dos alunos, melhorando suas habilidades de leitura e sua capacidade de se engajar criticamente com os textos que leem, considerando que:

O texto vibra; o leitor o estabiliza, integrando-o àquilo que é ele próprio. Então é ele que vibra, de corpo e alma. Não há algo que a linguagem tenha criado nem estrutura nem sistema completamente fechados; e as lacunas e os brancos que aí necessariamente subsistem constituem um espaço de liberdade: ilusório pelo fato de que só pode ser ocupado por um instante, por mim, por você, leitores nômades por vocação (Zumthor, 2007, p. 53).

Desse modo, a palavra proporciona caminhos a serem explorados. E os possíveis vazios textuais estão para ser preenchidos pelo ouvinte, pelo leitor.

Para tanto, essa proposta didática será dividida em três etapas, podendo ser executada em seis encontros. Escolhemos as etapas com ênfase nas temáticas do cordel por meio das etapas da vida do personagem: primeiro a infância, segundo a fase adulta e a terceira o seu encontro com o sultão.

Quanto às aulas, a primeira etapa, será de sondagem, uma dinâmica para que os alunos expressem o que já sabem sobre assuntos que serão abordados no cordel, seguido da leitura da primeira parte do cordel. Nas etapas seguintes, teremos uma leitura dinâmica da segunda parte do cordel, por último, a leitura do cordel envolvida numa encenação criada pelos alunos, a partir da segunda parte do cordel, conforme a seguinte estrutura:

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

Conteúdo: cordel - elementos de forma e temática

Objeto de estudo: folheto *As proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima

Público alvo: CICLO III - educação de jovens e adultos - EJA

Número de aulas: 10 aulas.

Primeira etapa: abordando a infância

OBJETIVO	Propiciar o primeiro contato com o cordel <i>As proezas de João Grilo</i> , de João Ferreira de Lima
PROCEDIMENTOS	<ul style="list-style-type: none"> • Antes da leitura do texto <ul style="list-style-type: none"> ➤ O foco está em verificar quais características predominantes do personagem João Grilo os alunos e alunas conhecem. ➤ Orientar os alunos a produzir um pequeno texto descrevendo como imagina que seria a personagem João Grilo a partir da imagem do personagem em xilogravura. ➤ Realizar um debate antes da leitura, respondendo às seguintes questões: Conhecem alguma versão do personagem João Grilo? Quais proezas do personagem João Grilo conhecem? Como imaginam a infância do personagem? • Leitura do texto <ul style="list-style-type: none"> ➤ Momento para os alunos se familiarizarem com as falas dos personagens e com a leitura de versos de cordel, com as rimas e trabalhar juntamente a leitura em voz alta. ➤ Realizar a leitura de forma dinâmica com os alunos dispostos em círculo, de forma que cada aluno leia uma estrofe em voz alta, seguir esta dinâmica até a página 7 que corresponde à fase da infância do personagem João Grilo.
RECURSOS DIDÁTICOS	Quadro branco, folhas, textos impressos.

Segunda etapa: fase adulta

OBJETIVO	Dar continuidade à leitura do cordel <i>As proezas de João Grilo</i> , de João Ferreira de Lima.
PROCEDIMENTOS	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Antes da leitura do texto <ul style="list-style-type: none"> ➤ Dinâmica da palavra-chave: distribuir cartões aos participantes para que possam escrever uma palavra que caracterize um herói, definir um herói em um adjetivo. As palavras são expostas no quadro e em seguida é motivado um amplo debate participativo. ➤ Depois da leitura do texto <ul style="list-style-type: none"> ➤ Relembrar junto com os alunos a cena que será retomada durante a leitura que está para começar. Após a página 7, dar continuidade até a página 16, que corresponde às proezas praticadas na época da escola e fase adulta do personagem João Grilo.

	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Partindo sempre da leitura, fazer levantamento sobre como as proezas desse personagem relacionam-se, de algum modo, com a situação social e econômica a que está ligado desde seu nascimento. Durante a leitura compartilhada, pode-se destacar/indicar aos alunos aspectos da musicalidade existentes no cordel e como as proezas do personagem João Grilo mudam de acordo com a fase da vida que passam. ➤ Segundo Pinheiro e Marinho (2012, p. 129-130)) “qualquer que seja o método de abordagem do texto literário, o debate em algum momento deverá ser sempre privilegiado”. Neste caso, o professor deve estar atento a discutir assuntos como pobreza, caráter e esperteza. ➤ A obra é marcada por um cenário onde as questões de classe e desigualdades estão sempre presentes, mas abordadas de maneira leve e humorada. João Grilo, personagem principal, é um exemplo da resistência e criatividade do sertanejo, que, apesar das adversidades, encontra meios para subverter a hierarquia e superar as figuras de poder, são questões que o professor poderá explorar na leitura. ➤ Outra questão que poderá explorar são os estereótipos, como A luta do pobre e do rico, a esperteza de João, a astimanhas, ironia e a religiosidade. Haverá um debate mútuo sobre impressões e os sentimentos que esse texto provoca. Diante disso, peça que os alunos identifiquem os estereótipos presentes nas personagens, principalmente em João Grilo afim de discutir como esses estereótipos são representados na história e se os preconceitos culturais enraizados são relevantes ou não.
RECURSOS DIDÁTICOS	Quadro branco, folhas, textos impressos.

Terceira etapa: Encontro com o Sultão

OBJETIVO	Realizar atividade de avaliação através de encenação do cordel <i>As proezas de João Grilo</i>
PROCEDIMENTOS	<ul style="list-style-type: none"> • Hora de dramatizar ➤ O cordel inicia caracterizando João Grilo por suas peripécias, ao chegar na página 16, começa um jogo de adivinhações entre o personagem Sultão e o personagem João Grilo. Nesse momento, pode-se dividir a turma em duas equipes para conclusão da leitura do cordel: os que vão ser a voz que pergunta, no caso, o rei, e as que responderão, a de João Grilo. Este será o momento da criatividade em recriar cenas, e o dinamismo em saber quem deseja ser a voz de Grilo e quem vai preferir fazer a voz de quem faz as perguntas. Desta maneira, o conhecimento pode surgir de experiências compartilhadas, observar diretamente de uma obra popular as formas de transmissão oral de literatura, de um teatro popular. ➤ Pensar um procedimento que leva em conta pequenas encenações, possibilita um corpo-a-corpo com o poema, a exploração direta com a interpretação de modo a proporcionar inúmeras leituras. O cordel <i>As proezas de João Grilo</i> favorece uma atividade de encenar visto ser narrativo, com falas marcadas, diferentes personagens, e até a dimensão visual

	<p>pode ser explorada a partir da leitura.</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Essa terceira etapa pode ser usada como proposta de atividade final do processo de leitura da obra, uma encenação teatral que possibilite que o aluno escolha a melhor forma de recriação do texto lido, de forma que se expressem e participem ativamente. Essa proposta contribui para alargar o conhecimento dos participantes, pois condiciona que o aluno se debruce sobre o texto literário, sobre os aspectos estruturais e temáticos. ➤ Essa habilidade contida no cordel de transformar um jogo de adivinhações em um ato de resistência às situações adversas nos lembra da importância de uma educação que valorize o pensamento crítico e a capacidade de questionamento. Podemos pensar as charadas de João como analogias a um jogo dramático de adivinhas que, no campo educacional, convida o aluno a participar de um processo dialético com o professor, incentivando-o a desenvolver habilidades de interpretação e argumentação. ➤ Em síntese, esta proposta didática objetiva realizar a leitura literária, aprimorando o cenário dos leitores, fazendo-os perceber como a literatura participa deles e eles participam da literatura, tendo no texto da cultura popular, por meio do riso, da oralidade, uma porta de acesso para refletir sobre questões sociais. Ao desenvolver este trabalho, na perspectiva do letramento, tomou-se como base o despertar do leitor para a atenção devida às leituras em especial dos textos literários.
RECURSOS DIDÁTICOS	Quadro branco, folhas, textos impressos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O leitor, ao manter contato com a obra literária, precisa, sobretudo, encontrar significado dos sentidos presentes na produção, e essa capacidade pode ser experienciada através do texto de cordel. Proporcionar esse encontro do aluno com texto poético embora não seja uma tarefa fácil, é possível de ser feita de forma prazerosa. Priorizamos a leitura em voz alta do cordel para apresentar as possibilidades deste ser lido, afinal, literatura é linguagem, e para que essa leitura não fosse apenas pretexto para ensinar conteúdo ou numa perspectiva apenas histórica da literatura, dramatizar o texto possibilitou criar novas significações.

Entendemos que o cordel é um texto rico em possibilidades de reflexões sociais e culturais que levam o aluno a crescer na sua capacidade interpretativa e aumenta a oportunidade de identificação deste público com a sua cultura local. Logo, temáticas exploradas no cordel *As proezas de João Grilo* permitem que o leitor possa criar uma identificação com o personagem, pois de certa forma as respostas para questões

presentes na obra podem ser comuns nas vivências dos leitores.

Do ponto de vista cultural, verificamos o quanto a literatura de cordel é uma maneira de tornar a cultura popular nordestina sempre em circulação nos mais diversos ambientes e contextos. Este é um gênero literário poético que tende a se propagar através da paixão dos seus autores e leitores, como texto para o deleite e também para o estudo, a ciência, que vai da feira às bancadas acadêmicas.

Quanto à integração de teoria e prática, tornam-se relevantes que práticas didáticas com o texto literário sejam implementadas cada vez mais por meio de atividades informativas, prazerosas e envolventes no contexto da sala de aula. Neste caso, o foco esteve no letramento de alunos da EJA, ao propiciar uma proposta didática de leitura voltada para a experiência estética com a literatura popular por meio do texto *As proezas de João Grilo*, um “justiceiro social” cuja arma era a palavra, observando como o personagem dá forma a sua luta diária.

A proposta de leitura literária abordada acima, propiciou os alunos a ter o contato com o texto literário através do seu contexto, estimulou a leitura em voz alta, as dimensões sociais e lúdicas dos sujeitos envolvidos. Através disso, os alunos tiveram acesso a estrutura do cordel e seu conteúdo, a oralidade, debatendo e compartilhando experiências através das temáticas abordadas, bem como, a capacidade de interpretar e dramatizar, que enriqueceu a experiência da leitura coletiva e apreciação do texto.

Enquanto professores de língua materna, precisamos repensar nossas práticas de ensino de literatura visando explorar as diversas possibilidades de leitura que um texto possui, para que esse diferentes sentidos sejam percebidos também pelos alunos, a partir do contexto de escrita e as percepções de mundo que o leitor já possui. Diante disso, propusemos uma abordagem para alunos da Educação de Jovens e Adultos que privilegiasse a leitura considerando dimensões sociais, lúdicas e pessoais dos sujeitos, de modo a ter uma experiência prazerosa com a literatura de cordel a ponto de tomarem gosto por essa poesia, como porta para a possibilidade de buscar outros textos do mesmo gênero.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- BRASIL. **Emenda Constitucional nº 107, de 2020**. Diário Oficial da União, Brasília, 3 de julho de 2020.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular; educação é a base**. Brasília. MEC, 2017.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- BARROSO, Helenice. **Cordel: uma poética da oralidade e do riso**. In: Mesa Redonda - "Folhetos de Cordel, memória e percursos", organização IELT/Memória Imaterial." 2012. Disponível em [m:https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2018/17/literatura_de_cordel.pdf](https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2018/17/literatura_de_cordel.pdf) Acesso em 19 de outubro de 2024.
- CARVALHO, Damiana. **A importância da leitura literária para o ensino**. Araguaína/TO, v.6, n. 1, p.6-21, 2015. Disponível em : <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/1484/8650> Acesso em 33 de maio de 2025.
- CONCEIÇÃO, Elvisha Shalimar Dias Franco Ribeiro da. **Leitura de Cordel para a Sala de Aula**. Monografia. Universidade Federal do Ceará, 2010.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- COSSON, Rildo. PAULINO, Graça. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola**. In: ZILBERMAN, Regina. ROSING, Tania M. K. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. p. 61-79.
- COSTA, Maria Suely da. **"A Linguagem (poética): Que estranha potência, a vossa!"** In: **Revista Odisseia, [S. l.]**, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/2060>. Acesso em: 30 de outubro de 2024.
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Ciclos temáticos na Literatura de cordel**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2012.
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **"Literatura de cordel"**. In: BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da literatura de cordel**. Natal/RN: Fundação José Augusto,

1977.

FARES, JosebelAkel. **Oralidade e educação. Poéticas orais em sala de aula: relatos e retratos.** In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE POÉTICAS ORAIS: VOZES, PERFORMANCES, SONORIDADES I., 2010, Londrina. Anais... Londrina: Universidade Estadual de Londrina –UEL, 2010. p. 264 -279.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 49ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HAURÉLIO, Marco. **Breve história da literatura de cordel.** São Paulo: Claridade, 2010.

KOCH e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2008.

KLEIMAN, A. B. Introdução: **O que é letramento? Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola.** In: _____(org.). Os significados do letramento. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: ontem, hoje, amanhã.** São Paulo: Editora Uniesp, 2018.

LEITE, Lúgia Chiappini Moraes. **Invasão da catedral: literatura e ensino em debate.** 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

LIMA, João Ferreira. **As proezas de João Grilo.** Bezerros, 2003.

LIMA, Faustino; GONÇALVES, Neves; OLIVEIRA, Tavares. **A leitura de cordel em sala de aula: uma reflexão sobre a experiência de estágio de literatura do ensino fundamental.** In: Enid 2016, Campina Grande. **Anais eletrônico.** Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/enid/2015/TRABALHO_EV043_MD1_SA9_ID1801_31072015133925.pdf . Acesso em: 05 de outubro de 2024.

BARBOSA, Everton. **Diversidade e prática de leitura do texto literário.** Cáceres, Editora UNEMAT, 2021.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar.** São Paulo: Cortez, 2012.

MELO, Barbosa; SILVA, José; LOPES, Borges. **Um breve histórico da educação de jovens e adultos.** Mato Grosso, 2020. Disponível em: <https://revista.institutoiesia.com/arquivos/598>. Acesso em 10 de outubro de 2024.

- MORTATTI, M. R. L. **Educação e letramento**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- PAIVA, V. M. de F. B. **A educação de jovens e adultos no Brasil: perspectivas e desafios**. Brasília: MEC, 2003.
- PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. – Campina Grande: Bagagem, 2007.
- SANTOS, Oliveira; YAMAKAWA, Alisson. “A leitura e o letramento literário em perspectiva: discutindo abordagens, matizando conceitos”. **Revista X**. Curitiba. Volume 12, p. 84- 101, 2017.
- SANTOS, Simone V. dos. **O Proeja e o desafio das heterogeneidades**. In: **EJA: Formação Técnica Integrada ao Ensino Médio**, n. 16, p. 54-60, set. 2006. Disponível em: <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/141327Proeja.pdf>>. Acesso em 12 outubro 2024.
- SAMPAIO, M. N. **Educação de Jovens e Adultos: uma história de complexidade e tensões**. Práxis Educacional, n. 7.v. 5, Vitória da Conquista, 2009. p. 13
- SILVA, Nogueira de; SANTOS, Cavalcante dos. **As proezas de João Grilo e a experiência do leitor**. In: São Cristóvão, p. 172-187, 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/aliss/Downloads/cmsg,+Interdisciplinar-v.33-p172.Silva.Santos%20\(2\)](file:///C:/Users/aliss/Downloads/cmsg,+Interdisciplinar-v.33-p172.Silva.Santos%20(2).pdf) .pdf. Acesso em 20 de outubro de 2024.
- SILVA, Edineia Duarte da. “Os desafios do ensino da leitura literária em contexto de sala de aula”. In: Silva, E. D. (Org.). **Ensino de literatura: Reflexões e práticas em sala de aula**. São Paulo: Editora Horizonte, 2021.
- SILVA, Maria de Fátima. **Cultura e resistência: a literatura de cordel no Brasil**. São Paulo: Editora XYZ, 2017.
- SOBRINHO, José Alves. **Glossário da poesia popular**. Campina Grande: Editel, 1982. p. 13-22.
- SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SOARES, Louslene; FERREIRA, Milene. **A importância do letramento literário para a formação do leitor**. In: 8º Pesquisar 2019, Goiás. Disponível em: <https://www.unifan.edu.br/unifan/aparecida/wp-content/uploads/sites/2/2020/07/A-IMPORTANCIA-DO-LETRAMENTO-LITERARIO-PARA-A-FORMAÇÃO-DO-LEITOR.pdf>; Acesso em 06 de outubro de 2024.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**.2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, S. O.; ALVES, L. H. **A Pesquisa Bibliográfica:**

princípios e fundamentos. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83. 2021.

PEREIRA, João Carlos. **A voz do povo: a literatura de cordel como expressão cultural.** Recife: Editora ABC, 2019.

IS, Cristiane Cordeiro; ANJOS, Maylta Brandão dos; ZAFALON, Mírian; CARVALHO, de Flávio. **Refletindo sobre a literatura e o ensino de literatura.** In Paraná. Secretaria de Estado da Educação. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense. 2007. Curitiba: SEED/PR, 2011.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** 2. ed. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ANEXOS

ANEXO A – O cordel As proezas de João Grilo.

A LITERATURA DE CORDEL



AS PROEZAS DE JOÃO GRILO

João Grilo foi um cristão
que nasceu antes do dia
criou-se sem formosura
mas tinha sabedoria
e morreu depois da hora
pelas artes que fazia

E nasceu de sete meses
chorou no bucho da mãe
quando ela mostrou um gato
ele gritou não me arranha
não jogue neste animal
que talvez você não ganhe

Na noite em que João nasceu
houve um eclipse na lua
denotou grande vulcão
que ainda hoje continua
naquela noite correu
um lobisomem na rua

Porém o Grilo criou-se
pequeno, magro e sambudo
as pernas tortas e finas
a boca grande e beijudo
no sítio aonde mórava
dava notícia de tudo

Digitizado com CamScanner

(2)

João Grilo perdeu o pai
com 7 anos de idade
morava perto dum sítio
ia pescar toda tarde
um dia fez uma cena
que admirou a cidade

O rio estava de nado
vinha um vaqueiro de fora
perguntou dará passagem
João Grilo disse ainda agora
o gadinho do meu pai
passou com o lombo de fora

O vaqueiro bota o cavalo
com uma braça deu nado
foi sair muito embaixo
quase morria afogado
voltou a desse ao menino
você é um dia desgraçado

João Grilo foi ver o gado
para provar aquele ato
vinha trazendo na frente
um bom rebanho de patos
os patos passaram na água
João provou que era exato

(3)

Um dia a mãe de João Grilo
foi buscar água a tardinha
deixou João Grilo em casa
e quando deu fé lá vinha
um padre pedindo água
nesta ocasião não tinha

João disse: só tem garapa
disse o padre, de que é
João Grilo respondeu
é do engenho Catolé
disse o padre pois eu quero
João levou numa coité

O padre bebeu e disse
choque garapa boa
João Grilo disse quer mais?
O padre disse e a patroa
não brigará com você
João disse tem uma canoa

João trouxe outra coité
naquele mesmo momento
disse ao padre beba mais
não precisa acanhamento
na garapa tinha um rato
estava pobre e fedorento

(4)

o padre disse ao menino
tenha mais educação
e porque não me disseste?
Oh! Natureza de cão
pegou a dita coité
arrebentou-a no chão

João Grilo disse danou-se
misericórdia S. Bento
com isto mamãe se dana
me pague mil e quinhentos
essa coité seu vigário
é de mamãe mijar dentro

O padre deu uma popa
disse para o sacristão
este menino é o diabo
em figura de cristão
meteu o dedo na goela
quase vomita o pulmão

João Grilo ficou sorrindo
pela cilada que fez
dizendo eu vou confessar-me
no dia 7 do mês
ele nunca confessou-se
foi esta a primeira vez

Digitizado com CamScanner

(5)

João Grilo tinha costume
pra toda parte que ia
era alegre e satisfeito
no convívio da alegria
João Grilo fazia graça
que todo mundo sorria

Num dia de sexta-feira
as 5 horas da tarde
João Grilo disse: Hoje a noite
eu assombro aquele padre
se ele não perdoar-me
na igreja há novidade

Pegou uma lagartixa
amarrou pelo gogó
botou-a numa caixinha
no bolso do palito
foi confessar-se João Grilo
com paciência de Jó

As 7 horas da noite
foi ao confessionário
fez logo e pelo sinal
posto nos pés do vigário
o padre disse: acuse-se
João lhe disse é necessário

(7)

João disse padre é homem
pensei que fosse mulher
anda vestido de saia
não casa por não ter fé
isto é que ser caviloso
cara de mata bebê

O padre disse: João Grilo
vai-te daqui infeliz
João Grilo dizia bravo
do vigário da matriz
é assim que ele me paga
o benefício que eu fiz

João Grilo foi embora
o padre ficou zangado
João Grilo disse: Ora cêbo
eu não aliso corado
vou vingar-me de uma raiva
que tive no mês passado

No subúrbio da cidade
morava um português
vivia de vender ovos
juntamente neste mês
denunciou de João Grilo
pelas artes que ele fez

(6)

Eu sou aquele menino
da garapa e da coité
o Padre disse: Levanta-se
que já sei quem é
João tirou a lagartixa
soltou-a junto do pé

A lagartixa subiu
por debaixo da batina
entrou na perna da calça
tornou-se feia a buzina
o padre meteu os pés
arrebentou a cortina

Jogou a batina fora
naquele grande fadiga
a lagartixa cascuda
arranhando na barriga
João Grilo de lá gritava
seu padre Deus lhe castiga

O padre impaciente
naquele turututu
saltava pra toda lado
que parecia um timbu
terminou tirando ai calças
ficando o esqueleto nu

(8)

João encontra o Português
com a égua carregada
com duas caixas de ovos
João disse: oh! Camarada
deixe eu dizer a tua égua
uma pequena charada

O português disse: diga
João chegou bem no ouvido
com a ponta de cigarro
soltou-se dentro escondido
a égua meteu os pés
foi temeroso o estampido

Derrubou o português
foi ovo pra todo lado
arrebentou a cangalha
ficou o chão ensopado
o português levantou-se
tristonho todo melado

O português levantou-se
o que foi que tu disseste
que causou tanto desgosto
e este animal agreste
eu disse que mãe morreu
o português respondeu
ou égua besta da peste

(9)

João Grilo foi a escola
com 7 anos de idade
com 10 anos ele saiu
por espontânea vontade
todos diziam pra ele
outro Grilo como aquele
perdeu-se a propriedade

João em qualquer escola
chamava o povo atenção
passavaquináu no mestre
nunca faltou a lição
era um tipo inteligente
no futuro e no presente
Grilo dava interpretação

Um dia ele perguntou o mestre
o que é que Deus não ver
o homem ver qualquer hora?
Disse o mestre pode ser
pois Deus ver tudo no mundo
em menos de um segundo
de tudo pode saber

João Grilo disse qual nada
quedê os elementos seus
abra os olhos mestre velho
que eu vou mostra-lhe os meus
os seus estudos se some
um homem ver outro homem
só deus não ver outro Deus

(10)

João Grilo disse: Seu mestre
me diga como se chama
a mãe de todas as mães?
Tenha cuidado no drama
o mestre coça a cabeça
disse antes que me esqueça
vou resolver o programa

A mãe de todas as mães
é Maria Concebida
João Grilo disse eu protesto
antes dela ser nascida
já esta mãe existia
não foi Virgem Maria
oh! Que resposta perdera

João Grilo depois disse
num bonito português
a mãe de todas as mães
já disse digo outra vez
como a escritura ensina
é a natureza divina
que tudo Criou e fez

Me responda professor
entre grande e pequenos
quero que fique notável
por todos nossos terrenos
responda-me com rapidez
como se chama o mês
que a mulher fala menos

(11)

este mês eu não conheço
quem fez esta tabuada?
João grilo lhe repondeu
ora sebo camarada
pra mim perdeu o valor
ter o nome de professor
mas não conhece de nada

este mês é fevereiro
por todos bem conhecido
só tem 28 dias
o tempo é mais resumido
entre grandes e pequenos
é o que a mulher fala menos
mestre você está perdido

seu professor me responda
se algum tempo estudou
quem serviu a Jesus cristo
morreu a não se salvou
no dia em que ele morreu
o corpo o urubú comeu
e ninguém o sepultou?

não conheço quem foi esse
porque nunca vi escrito
João grilo lhe respondeu
foi um jumento está dito
que a Jesus cristo serviu
na noite que ele figiu
de Belém para o Egito

(12)

João Grilo olhou de um lado
disse para o diretor
este mestre é um quadrado
fique sabendo o senhor
sem dúvida exame não fez
a aluno desta vez
elimina o professor

João Grilo foi para casa
encontrou sua mãe chorando
ele então disse mamãe
não esta ouvindo eu cantando
não choro, toque mais antes
pois o seu filho garante
pra isto vivo estudando

a mãe de João Grilo disse
choro por uma necessidade
sou uma pobre viúva
etú de menor de idade
até da escola saiste
João lhe disse ainda existe
o mesmo deus de bondade

a senhora pensa em carne
de 4 mil réis o kilo?
ou talvez no meu destino
que a foça eu hei de segui-lo
não chore fique bem certa
a senhora só se aperta
quando matarem João Grilo

(13)

João chegou no rio
as 5 horas da tarde
pescou até 9 horas
porém foi todo de balde
na noite triste e sombria
João Grilo sem companhia
voltava sem novidade

Chegando dentro da mata
ouvi lá dentro um rugido
dos lobos devoradores
o caminho interrompido
é trepou-se num pinheiro
como era um forasteiro
ficou calado escondido

Os lobos foram embarca
João não queria descer
disse, eu dormirei hoje aqui
suceda o que suceder
eu hoje imito araquã
sou vou embora amanhã
quando o dia amanhecer

O Grilo ficou trepado
temendo lobos e leões
pensando no fatal sorte
e recordando as lições
que na escolá estudou
quando de súbito chegou
uns 4 ou 5 ladrões

(15)

João Grilo desceu da árvore
quando o dia amanheceu
mas quando chegou em casa
não contou o que se deu
furtou um roupão de malha
vestiu feito uma mortalha
lá no mato se escondeu

A noite foi pra capela
por detrás da sacristia
vestiu-se numa mortalha
pois a capela vazia
sempre com a porta aberta
João Grilo partiu na certa
colher o que pretendia

Deitou-se lá no caixão
que enterrava defunto
João Grilo disse hoje aqui
vou ganhar um bom presunto
os ladrões foram chegando
João Grilo observando
sem pensar em outro assunto

Acenderam uma farol
penduraram numa cruz
foram contar o dinheiro
no claro da dita luz
João Grilo de lá gritou
esperem por mim que vou
com as ordens de Jesus

(14)

Eram ladrões de Méca
que roubavam no Egito
se ocultavam na mata
naquele bosque esquisito
pois cada um a persi
que venham juntar-se ali
pra ver quem era perito

O capitão dos ladrões
disse não falta ninguém
um respondeu não senhor
disse ele muito bem
cuidado não roube em
vamos juntar-se amanhã
na capela de Belém

Lá partimos o dinheiro
pois aqui tudo é graúdo
temos um roubo a fazer
desde ontem que estudo
mas já estou preparado
o Grilo ali parado
calado comprando tudo

Os ladrões foram embora
depois da conversação
João Grilo ficou ciente
dizendo em seu coração
se Deus ajudar a mim
acabou-se o tempo ruim
eu sou quem ganha a questão

(16)

Os ladrões d'ali fugiram
quando viram a alma em pé
João Grilo ficou com tudo
disse já sei como é
nada no mundo me atrasa
agora vou para casa
tomar um rico café

Chegou e disse: Mamãe
morreu nossa precisão
o ladrão que roubo outro
tem 100 anos de perdão
contou o que tinha feito
disse a velha está direito
vamos fazer refeição

Bartolomeu do Egito
foi um rei de opinião
mandou convidar João Grilo
pra uma adivinhação
Grilo disse eu vou
no outro dia embarcou
para saudar o Sultão

João chegou na corte
cumprimento o Sultão
disse pronto Sr. Rei
deu-lhe um aperto de mão
com calma a maneira doce
o Sultão admirou-se
da sua disposição

(17)

O Sultão perguntava ao Grilo
 você de onde saiu
 aonde foi que nasceu?
 João fitou ele e sorriu
 sou deste mundo d'agora
 nasci na ditosa hora
 que minha mãe me pariu

João Grilo tu advinhas
 o Grilo respondeu não
 eu digo alguma coisa
 conforme a ocasião
 quem canta de graça é galo
 cangalha só pra cavalo
 e cerca só no sertão

Eu tenho 12 perguntou
 para você responder
 no prazo de 15 dias
 escute o que eu vou dizer
 veja lá como se arruma
 é bastante faltar uma
 está condenado a morrer

João disse estou pronto
 pode dizer a primeira
 se caso eu sair-me bem
 venha a segunda e a terceira
 venha a quarta venha quinta
 talvez o Grilo não minta
 diga até a derradeira

(19)

Esta cova é uma viola
 com prima baixo o bordão,
 mortas são as doze cordas
 quando canta um cidadão
 canta toca e faz o verso
 5 vivos no progresso
 os 5 dedos da mão

Houve uma salva de palmas
 com vivas que retumbou
 o Sultão ficou suspenso
 seu viva também bradou
 depois pediu silêncio
 com outro desejo imenso
 a terceira perguntou

João Grilo qual é a coisa
 que eu mandei carregar
 primeiro dia e segundo
 no terceiro eu fui olhar
 quase dar-me a tiririca
 se tira mais grande fica
 não mingua faz aumentar?

Senhor rei sua pergunta
 parece me fazer guerra
 um Grilo não tem saber
 criado dentro da serra
 mais digo pra quem conhece
 o que retirando mais cresce
 é um buraco na terra

(18)

Respondeu qual o animal
 que mostra mais rapidez
 que anda de 4 pés
 de manhã por sua vez
 ao meio dia com 2
 passando disso depois
 a tardinha anda com 3?

O Grilo disse é o homem
 que se arrasta pelo chão
 no tempo que ingatinha
 depois toma posição
 anda em pé e bem seguro
 mas quando fica maduro
 faz 3 pés com o bastão

O Sultão maravilhou-se
 com sua resposta linda
 João disse: pergunta outra
 vou ver se responde ainda
 a Segunda o Sultão fez
 João Grilo daquela vez
 celebrou sua vinda

Grilo você me responda
 em termos bem divididos
 uma cova bem cavada
 12 mortos estendidos
 e todos mortos falando
 5 vivos passando
 trabalham com 3 sentidos?

(20)

João Grilo vou terminar
 as perguntas do tratado
 o Grilo disse pergunte
 quero ficar descansado
 disse o rei é muito exato
 o que é que vem do alto
 cai em pé e corre deitado

Aquele que cair em pé
 sai correndo pelo o chão
 será uma chuva grossa
 nos barros do meu sertão
 o rei disse: Muito bem
 no mundo todo não tem

João Grilo você bebe?
 João disse bebo 1 pouquinho
 disse: Eu não sou filho
 debacho que fez o vinho
 o meu pai morreu bebendo
 e eu o que estou fazendo
 sigo no mesmo caminho

O rei disse: João Grilo
 beber é coisa ruim
 o Grilo respondeu qual
 o meu pai dizia assim
 na casa de seu Henrique
 zelam bem um alambique
 melhor do que um jardim

(21)

O rei disse: João Grilo
a tua fama é um estrondo
João Grilo disse: Eu sabendo
o que pergunta respondo
disse o rei enfurecido
quem tem o pé comprido
e fez o rasto redondo?

Senhor rei, tenho lembrança
do tempo da minha avó
que ele tinha um compasso
na caixa do bororó
como ele eu também anda
fazendo rasto redondo
andando com uma perna só

João qual é o bicho
que passa pela campina
a qualquer hora da noite
andando de lamparina
é um pequeno animal
tem luz artificial
veja o que determina?

Este bichinho eu já vi
pois eu tinha um costume
de brincar sempre com ele
minha mãe tinha ciúme
eu achava pelo campo
uns chamam de pirilampo
outros chamavam vagalume

(23)

João lhe disse este objeto
nem é manso nem brabo
nem é grande nem pequeno
nem é santo nem o diabo
bem que mamãe me dizia
que eu ainda caia
onde a porca torce o rabo

Trouxeram uma bandeja
ornada de muitas flores
dentro dela uma latinha
cheia de muitos fulgores
o rei lhe disse João Grilo
é este o último estilo
que rebênta tuas dores.

João Grilo desta vez
passou na última estica
adivinhar uma coisa
nojenta que se pratica
fugir da sorte mesquinha
pois dentro da lata tinha
um pouquinho de xinica

O rei lhe disse João Grilo
veja se escapa da morte
e que tem nesta latinha?
Responda se tiver sorte
toda aquela população
queria ver a desgraça
do Grilo franzino e forte

(22)

O rei já tinha esgotado
a sua imaginação
não achou uma pergunta
que interrompesse João
disse me responda agora
qual é o olho que chora
sem haver consolação

O Grilo então respondeu
lá muito perto da gente
tem num outeiro importante
um moço muito doente
suas lágrimas tem paladar
quem não deixa de chorar
é um olho d'água veemente

O rei inventou um truque
do jeito que lhe convinha
vou armar uma cilada
ver se João adivinha
mandou ver uma alçapão
fez outra adivinhação
escondeu uma bacorinha

João o que é que tem
dentro desta alçapão?
Se não tem perdão
é morto não tem perdão
João Grilo lhe respondeu
quem mata um como eu
não tem dó no coração

(24)

Minha mãe profetizou
que o futuro é minha perda
dessas adivinhações
brevemente você herda
faz de conta que já vi
como está hoje aqui
parece que da em merda

O rei achou muito graça
nada teve o que fazer
João Grilo ficou na corte
com regozijo e prazer
gozando um bom paladar
foi comer sem trabalhar
desta data até morrer

E todas as questão do reino
era João que deslindava
qualquer pergunta difícil
ele sempre decifrava
julgamento delicados
problemas muito enrascado
o João Grilo desmanchava

Certa vez chegou na corte
um mendigo enfarrapado
com uma mochila nas costa
duas guardas de cada lado
seu rosto cheio de mágoas
os olhos vertendo água
fazia pena o coitado

(25)

Junto dele estava um duque
que veio denunciar
dizendo que o mendigo
na prisão ia morar
por não pagar a despesa
que fizeram por afoiteza
sem ninguém lhe convidar

João Grilo disse ao mendigo
e como é pobretão
que se faz uma despesa
sem ter no bolso um tostão
me conte todo passado
depois de ter-lhe escutado
lhe darei razão ou não

Disse o mendigo sou pobre
e fui pedir uma esmola
na casa do senhor duque
levei a minha sacola
quando cheguei na cozinha
vi cozinhando galinha
numa grande caçarola

Como a comida cheirava
eu tive apetite nela
tirei um taco de pão
e marcharei pro lado dela
e sem pensar na desgraça
botei o pão na fumaça
que saia da panela

(26)

O cozinheiro zangou-se
chamou logo o seu senhor
dizendo que eu roubava
da comida o seu sabor
só por eu ter colocado
um taco de pão mirrado
aproveitando o vapor

Por isso fui obrigado
a pagar essa quantia
como não tive dinheiro
o duque por tirana
mandou trazer-me escoltado
pra depois de ser julgado
ser posto na enxovia

João Grilo está bem
não precisa mais falar
então perguntou ao duque
quanto o homem vai pagar?
5 coroa de prata
ou paga ou vai pra chibata
não lhe devo perdoar

João Grilo tirou do bolso
a importância cobrada
na mochila do mendigo
deixou-a depositada
e disse para o mendigo
balance a mochila, amigo
pro duque ouvir a zuada

(27)

O mendigo sem demora
fez como João Grilo mandou
pegou sua mochilinha
com a prata e balançou
sem compreender o truque
bem no ouvido do duque
o dinheiro tilinou

Disse o duque enfurecido
mas não recebi o meu
diz João Grilo sim senhor
e isto foi o que valeu
deixe de ser patoteiro
o tinido do dinheiro
o senhor já recebeu

Você diz que o mendigo
por ter provocado o vapor
foi mesmo que ter comido
seu manjar e seu sabor
pois também é verdadeiro
que tinir do dinheiro
representa seu valor

Virou-se para o mendigo
e disse estais perdoado
leva o dinheiro que deite
vai pra casa descansado
o duque olhou para o Grilo
depois de dar um estrilo
saiu por ali danado

(28)

A fama então de João
foi de nação em nação
por sua sabedoria
e por seu bom coração
sem ser por elevesperado
um dia foi convidado
pra visitar um Sultão

O rei daquele país
quis o reino embandeirado
pra receber a visita
do ilustre convidado
o castelo estava em flores
cheio de tantas fulgores
ricamente engalando

As damas da alta corte
trajavam decentemente
toda corte imperial
esperava impaciente
eu por isso ou por aquilo
para conhecer João Grilo
figura tão eminente

Afinal chegando João
no reinado do Sultão
quando entrou na corte
que grande decepção
de palitô remendado
sapato velho furado
nas costas um matulão

(29)

O rei disse: Não é ele
pois assim já é demais
João Grilo pediu licença
mostrou-lhe as credenciais
embora o rei não gostasse
mandou que ele ocupasse
as aposentos reais

Só se ouvia cochinhos
que vinham de todo lado
as damas então diziam
é esse o homem falado?
duma pobreza tamanha
e ele nem se acanha
de ser nosso convidado

Até os membros da corte
diziam num tom chocante
pensavam que o João Grilo
fosse dum tipo elegante
mas nos manda 1 remendado
sem roupa esfarrapada
um maltrapilho ambulante

E João Grilo ouvia tudo
mas sem dar demonstração
em todo a corte real
ninguém lhe dava atenção
por mostrasse esmolambado
tinha sido desprezado
naquele rica nação

(31)

O almoço foi servido
porém João não quis comer
despejou vinho na roupa
só para velo correr
antes a corte estarrecida
encheu os bolsos de comida
para toda corte ver

O rei bastante zangado
perguntou para João
porque motivo o senhor
não come da refeição?
respondeu João com maldade
tenha calma, majestade
digo já toda razão

Esta mesa tão repleta
de tanta comida boa
não foi posta para mim
um ente vulgar a toa
desde sobre-mesa a sopa
foram posta a minha roupa
e não a minha pessoa

Os comensais se olharam
o rei perguntou espantado
porque motivo diz isto
estando tão bem tratado?
disse João: isso se explica
por está de roupa rica
não sou mais esmolambado

(30)

Afinal velo um rico
e disse sem saber se o fitar
já preparei o banheiro
para o senhor se banhar
vista uma roupa minha
e depois vá pra cozinha
na hora de almoçar

João Grilo disse: Está bem
mas disse com seu botão
roupas finas trouxe eu
dentro de meu matulão
me apresentei rasgado
para ver neste reinado
qual era a minha impressão

João Grilo tomou um banho
vestiu uma roupa de gala
então muito bem vestido
apresentou-se na sala
ao ver o traje tão belo
houve gente no castelo
que quase perdia a fala

E então toda repulsa
transformou-se de repente
o rei chamou pra mesa
como homem competente
consigo dizia não
na hora da refeição
vou ensinar essa gente

(32)

Eu estando esfarrapado
ia comer na cozinha
mas como troquei de roupa
como junto da rainha
vejo nisto um grande ultraje
homenageiam meu traje
e não a pessoa minha

Toda corte imperial
pediu desculpa a João
e muito tempo falou-se
naquela dura lição
e todo mundo dizia
que sua sabedoria
era igual a Salomão

FIM
Bezerras, 13/05/03.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por sua presença em minha vida, por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos, pois, com sua força e sabedoria me sustentou nesse percurso.

Aos meus pais, que foram meu alicerce a todo momento, me motivaram e incentivaram para a realização deste trabalho.

À minha amiga Leidiane Faustino, por acreditar em mim e me encorajar a chegar até o fim.

À Kallyane, pela sua parceria e amor que me deu forças e acolhimento nessa fase.

À minha orientadora, Maria Suely da Costa, pelas orientações valiosas e por acreditar no meu potencial.

À UEPB pela possibilidade de cursar a formação em Letras;